Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 28 set. 2025
Aprovado: 25 out. 2025
10.30620/pdi.v15n2.p137

ARTIGOS

O *hype* das IAs e os estudos da Linguística Aplicada no Brasil: agenciamento de práticas, subjetividades e sentidos

Maryane Carvalho Pereira
Débora Liberato Arruda

Resumo: O *hype* da Cibernética no Norte Global, especialmente do Vale do Silício, e a mistificação da Inteligência Artificial (IA), promovida pelo *marketing* das grandes empresas (Silveira, 2024), tem moldado comportamentos discursivos, influenciado escolhas políticas no campo de educação e impactado sobremaneira aspectos cognitivos e linguísticos. Este artigo problematiza os trabalhos sobre IA no campo de LA no Brasil, a fim de observar se as pesquisas nesta aérea vão além da explicitação de técnicas e de aplicações, da promoção do consumo (acrítico) e de potencializações comerciais da IA como ferramenta ideologicamente neutra. Para isso, traçamos um panorama das pesquisas brasileiras, buscando compreender que aspectos têm sido investigados e sob quais lógicas epistêmicas essas investigações operam. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica de artigos publicados em 2024, indexados no Google Acadêmico, resultando na análise qualitativa de 32 resumos, a partir das categorias de lógica da dupla diferença (D^2) e lógica da simples diferença (D). Os resultados indicam predominância de estudos ancorados na lógica D^2 (71,9%), com foco em abordagens aplicadas e funcionais das IAs como ferramentas neutras. Em contrapartida, apenas 28,1% dos estudos analisados operam sob uma lógica da diferença, concebendo a IA como artefato sociotécnico, que agencia práticas, subjetividades e sentidos. A análise evidencia a prevalência de olhares deterministas tecnológicos e neutralizações maquínicas, que reitera a urgência de movimentar a LA em direção à lógica da diferença e ao pensamento de fronteira (Fabrício, 2017) na empreitada de compreender a IA como acontecimento e como agência produtora de sentidos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Linguística Aplicada. Lógicas do pensamento. Abordagens tecnicistas e instrumentais.

The AI hype and Applied Linguistics studies in Brazil: agency of practices, subjectivities, and meanings

Abstract: The cybernetic hype originating in the Global North, particularly Silicon Valley, and the mystification of Artificial Intelligence (AI) promoted by corporate marketing, have shaped discursive behaviors and influenced political choices in education. This article problematizes AI research within the field of Applied Linguistics (AL) in Brazil,

investigating whether studies transcend technical descriptions, uncritical consumption, and the promotion of AI as an ideologically neutral tool. To this end, we provide an overview of Brazilian research to identify the investigated themes and their underlying epistemic logics. The methodology consisted of a qualitative bibliographic review of 32 abstracts published in 2024 and indexed on Google Scholar. The analysis was based on the categories of logic of double difference (D2) and logic of simple difference (D). Results indicate a predominance of studies anchored in D2 logic (71.9%), focusing on applied and functional approaches that treat AI as a neutral tool. In contrast, only 28.1% of the analyzed studies operate under a logic of difference, conceiving AI as a sociotechnical artifact that agencies practices, subjectivities, and meanings. The analysis reveals a prevalence of technological determinism and "machine-driven neutralization." This underscores the urgency of moving AL toward the logic of difference and border thinking, approaching AI not merely as a tool, but as an event and an agency that produces meaning.

Keywords: Artificial Intelligence. Applied Linguistics. Logics of Thought. Technicist and Instrumental Approaches.

Introdução

Como se fabrica uma opinião pública por meio do discurso? Segundo Charaudeau (2020), para que se exprima uma opinião e para que ela seja de caráter público (tenha uma capilaridade em vários âmbitos da vida em sociedade), é preciso que haja um acontecimento que impacte de maneira vital o imaginário coletivo. De um modo geral, uma opinião pública depende do surgimento de um acontecimento e do grupo (político-econômico) que a sustenta. Discursivamente, o grupo fabrica a opinião pública como uma totalidade, na tentativa de essencializá-la e homogeneizá-la, dando-lhe um caráter absoluto e definitivo (Charaudeau, 2020, p. 44). Por isso, o grupo que fabrica a opinião pública lança mão de enunciados universalizantes, como "para o benefício de todos"; "para ampliar a engenhosidade humana"; para impulsionar um crescimento econômico sem precedentes"; "para elevar o padrão de vida e melhorar a qualidade de vida de todos", "para que haja um crescimento generalizado e mais oportunidades para todos".[1]

1. Trechos retirados do relatório de oportunidades econômicas feito pela OpenAI (2025).

Não é difícil perceber que este tipo de discurso busca, por meio do imaginário coletivo, imprimir um princípio de governança democrática que promete a igualdade de todos e a promoção do bem comum. Este princípio de governança, embora reedite a estratégia secular de generalização do alcance universal como procedimento discursivo, é a marca de grandes empresas de Inteligência Artificial (IA) norteamericanas na atualidade, as quais, "apresentadas como símbolo de inovação e progresso, ocultam estruturas de dominação que reproduzem lógicas coloniais em moldes digitais" (Boa Sorte, 2025, p. 13). Nesse sentido, como coletividade imaginada discursivamente como Sul Global, muitas vezes nos deixamos levar pela crença quase universal no determinismo tecnológico, "que esculpiu um indivíduo heroico com seus inventos fabulosos que pode aumentar seu capital e libertar as pessoas de suas agruras" (Silveira, 2024, p. 13). A IA se configura então como um invento fabuloso criado para aumentar o poder de todos.

É justamente por meio da crença em uma governança democrática que promete a igualdade que, como Sul Global, aderimos a um discurso que se constitui como técnico, neutro e, portanto, científico. Como explica Charaudeau (2022, p. 31), a "crença é sustentada por um discurso que a constitui como um saber" capaz de enfrentar os desafios mais complexos para, por exemplo, como asseguram os grupos ligados ao marketing da IA, "beneficiar o maior número possível de pessoas — por meio de mais descobertas científicas, melhor saúde e educação, e maior produtividade, para assegurar que os ganhos econômicos trazidos pela IA resultem em crescimento generalizado e mais oportunidades" (OpenAI, 2025, p. 4).

A tentativa (bem-sucedida) de transformar a IA em uma agência de informação neutra, técnica, sem viés ideológico ou político — cuja hipersofisticação em matéria de estatística e de probabilidade permite se trabalhar com um volume de dados (*big data*) impossível de ser processado por nenhum dispositivo antes criado —, vem monopolizando o discurso político-econômico como o novo *hype* global. Não é à toa que *IA* foi eleita a palavra do ano de 2023 pelo dicionário Collins (Collins…, 2023) e converteu-se em objeto da contemporânea corrida do desenvolvimento tecnológico em todos os âmbitos, inclusive da Linguagem.

Neste artigo, problematizamos os trabalhos sobre IA, no campo de Linguística Aplicada (LA) no Brasil a partir de um panorama das pesquisas brasileiras, buscando compreender que aspectos têm sido investigados e sob quais lógicas epistêmicas essas investigações operam (solucionista, aplicacionista, materialista, crítica), bem como as quais práticas de linguagem se relacionam (em termos de eficácia ou eficiência, ou em termos de produção de discursos, subjetividades e relações de poder). Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico de artigos que objetivaram investigar as IAs no campo da LA. Como lupa de análise qualitativa dos dados, adotamos as categorias de lógicas do pensamento apresentadas em Fabrício (2017): binarismo-dicotomias; contradição-multiplicidade. Buscamos entender o que a LA tem pesquisado sobre IA e sob qual perspectiva, de modo a problematizar determinismos coloniais de neutralidade científica e tecnológica ou, nos termos de Boa Sorte (2025), problematizar o colonialismo digital e suas ramificações, a fim de lançar luzes para os limites e interesses da tecnologia da IA aliada às epistemes hegemônicas, cujos modelos são peremptoriamente do Norte Global.

1. Inteligência Artificial como agência de forma(ta)ção sociointerativa

A IA, segundo Gonsales e Kaufman (2023), tem ressignificado, para além dos processos de produção de textos escritos, os modos como criamos significados, nos relacionamos profissional e intimamente, usufruímos o tempo livre e mesmo como realizamos nossas escolhas na sociedade contemporânea. De fato, o avanço acelerado das tecnologias de IA tem provocado transformações significativas em diversas esferas da vida social, particularmente em nossas interações diárias (e quase intermitentes) nas mídias digitais, como Instagram, TikTok, Facebook, X, afetando não apenas o jeito como nos comunicamos, aprendemos e interagimos, mas também as formas como construímos sentidos multimodais, produzimos conhecimento e nos constituímos como sujeitos.

A ideia de uma tecnologia processual, autônoma, inteligente, capaz de substituir parte do trabalho mental humano, é maturada antes mesmo de 1956, período conhecido como "incubação da IA" (Jiang *et al.*, 2022). No entanto,

sua popularização e os exponenciais avanços são decorrentes de alguns fatores contemporâneos, como o refinamento da técnica de aprendizado de máquina (*machine learning*) (Gunning *et al*., 2019) em redes neurais profundas (*deep learning*); a colossal disponibilidade de dados digitais (*big data*); a maior capacidade de processamento dos computadores (Jiang *et al.*, 2022; Gonsales e Kaufman, 2023); e os Grandes Modelos Linguísticos (*Large Language Models*).

Diante desse cenário, torna-se cada vez mais necessário investigar o fenômeno da Inteligência Artificial, principalmente, em se tratando das implicações que uma tecnologia de mineração de dados possui no campo da linguagem. É nesse contexto que a Linguística Aplicada (LA) se apresenta como campo epistêmico de investigação da IA, como agência de correlação e projeção de estimativas que buscam frear a entropia e atuar agentivamente com a linguagem humana, uma vez que, historicamente, a LA se dedica a analisar práticas sociais mediadas pela linguagem em sua complexidade, instabilidade e dimensão política.

A definição o conceito de IA requer um esforço contextual, uma vez que são refletidas as especificidades e características de cada seara ou contexto de desenvolvimento (Fetzer, 1990; Gonsales e Kaufman, 2023). Em termos amplos, a IA é a capacidade das máquinas de aprender, raciocinar (Buzato, 2024) e tomar decisões para resolver problemas com base em dados matemáticos. Ela funciona analisando grandes quantidades de dados e identificando padrões para executar tarefas automaticamente, como reconhecer rostos, sugerir filmes ou até conversar com as pessoas. Ela está presente em assistentes virtuais, recomendações de compras, traduções automáticas, por exemplo. Essa capacidade é viabilizada através da aplicação de métodos estatísticos, para fazer uma mineração de gandes bancos de dados, a fim de extrair padrões, correlações e de fazer predição a partir da padronização discursiva, da hiperpersonalização e da comodificação ideacional, discursiva e agentiva dos usuários (Hissa e Gomes, 2024). A partir dos dados, pesos estatísticos são mapeados, em termos de probabilidade de ocorrência de determinados símbolos subsequentemente a outros (Buzato e Leite, 2024), usando técnicas de *machine learning* que permitem que as máquinas, automaticamente, analisem dados, aprendam a partir deles e determinem cursos de ação com base no conhecimento aprendido.

De acordo com Jiang *et al.* (2022), os campos de desenvolviemnto das IAs abrangem (mas não se limitam a) reconhecimento de fala, processamento de imagem, processamento de línguas naturais, robôs inteligentes, veículos autônomos, sistemas energéticos, saúde, *fintech*, entre outros. Os autores sugerem, ainda, a categorização dessas tecnologias com base em sua capacidade, sendo elas: (1) IA estreita (ou IA fraca), projetada para realizar uma única tarefa específica; (2) IA geral (ou IA forte), *teorizada* para realizar, semelhantemente, tarefas cognitivas humanas, como raciocínio, julgamento e tomada de decisão autônoma em múltiplos domínios; e (3) Superinteligência Artificial, que seria o último estágio da capacidade da IA, no qual ela, supostamente, superaria a inteligência humana em todos os aspectos, incluindo emoções e resolução de problemas complexos (Jiang *et al*., 2022). Para os autores, essa progressiva "evolução" na capacidade de processamento das IAs, que chegaria ao nível de processamento cognoscente de sentimentos, não se configura como uma problemática alarmante para a sociedade e as interações humanas, pois tais capacidades seriam desenvolvidas para necessidades específicas de cada área de desenvolvimento e atuação e, por mais refinado que seja seu processamento, *não possuem habilidades de compreensão* (Gunning *et al*., 2019; Jiang *et al.*, 2022, p. 2).

A ideia de (não) compreensão pela IA do conteúdo do produto (texto, imagem, vídeo) que ela entrega ao usuário como tarefa (por exemplo, a resposta a um *prompt*[2]) nos parece cara para os estudos da Linguagem, uma vez que todos os parâmetros de interação humana se dão a partir do paradigma da compreensão, da inferência, da significação enquanto ato performativo atravessado pela linguagem humana. Assim, quando temos dados alarmantes, como 48,7% dos usuários de ChatGPT (IA generativa[3]) reportarem problemas de saúde mental à IA, utilizando o *chatbot* como suporte terapêutico (Sentio University *apud* Tawil, 2025; McBain, 2025), percebe-se que as pessoas creem na dimensão interlocutiva da IA como agente que compreende o que está produ-

2. Os *prompts* são comandos elaborados para as máquinas a fim de produzir um produto final (*output*) (Unesco, 2024).

3. As IAs generativas, ou IAGens, são tecnologias que geram conteúdo de forma automática, em resposta a comandos escritos, em interfaces de conversação em linguagem natural. Embora produzam um novo arranjo de conteúdo, essas tecnologias não são capazes de gerar novas ideias, uma vez que não compreendem objetos ou relações sociais situados no mundo real e que sustentam a linguagem (Unesco, 2024).

zindo, seja em formato de texto escrito, seja em forma de imagem ou de áudio. Esta reflexão vai ao encontro dos argumentos de Selwyn (2022, p. 622, tradução nossa[4]), quando afirma que a adoção da IA em diversos âmbitos da vida, incluindo o afetivo, pode ser compreendida como uma "[…] crença de que os sistemas de IA são ao mesmo tempo mágicos e sobre-humanos — além da nossa capacidade de compreensão ou regulação, e ainda assim suficientemente determinísticos para que possamos confiar neles em decisões que mudam vidas".

Silveira (2024, p. 12) faz um alerta sobre IA quando explica que a sociedade "[…] pretende jogar numa invenção e em um instrumento, ferramenta, máquina, a possibilidade de reconduzir os rumos da sociedade, da economia e da cultura", quando, na verdade tais, ações são fruto de uma ideologia solucionista, que, com suas estratégias de *marketing*, mistifica as tecnologias, alienando os sujeitos e limitando a compreensão dessas mesmas tecnologias. Nesse sentido, faz-se necessário que os mais diversos campos do conhecimento, sobretudo do Sul Global, adotem uma abordagem que investigue as IAs não apenas pelos *outputs* (produto final), mas considerando todos os processos envolvidos, desde a curadoria dos dados de treinamento, os contextos sociotécnicos de sua concepção e os agentes econômicos norte-americanos que os financiam até os regimes de valor e as ideologias que os sustentam, de modo a romper com o misticismo técnico que toma os resultados produzidos pelas máquinas como neutros, técnicos, distantes das imperfeições do humano, e que escamoteia os atravessamentos políticos, monetários e éticos que constituem esses resultados.

2. Linguística Aplicada: binarismo-dicotomias ou contradição-multiplicidade?

A linguagem é um fenômeno complexo, que perpassa o cultural (Street, 1997), o político (Rajagopalan, 2000), o biológico (Chomsky, 2006), o tecnológico (Haraway, 2009) e o sociointerativo (Bakhtin, 2011). Tentar compreender seus variados fenômenos a partir de um único campo disciplinar seria, no mínimo, reducionista. A Linguística Aplicada (LA), em suas formulações

4. No original: "[…] the belief that AI systems are both magical and superhuman — beyond what we can understand or regulate, yet deterministic enough to be relied upon to make predictions about life-changing decisions".

contemporâneas, é concebida como um campo marcado pelo rompimento com a perspectiva tradicional da LA (Moita Lopes, 2006; Celani, 2016; Fabrício, 2017; Kleiman, Vianna e De Grande, 2019), que investigava questões voltadas apenas para a aplicação de teorias linguísticas a problemas práticos de ensino de línguas. A LA é um campo de estudos dedicado a investigar questões socialmente relevantes, que recaem sobre a linguagem em uso. Na LA, a linguagem é compreendida como um espaço de disputa, de produção de subjetividades e de realidades. É sob essa ótica que a Linguística Aplicada, especialmente em sua vertente INdisciplinar (Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2017), se apresenta como uma área de conhecimento que recusa a desvinculação da linguagem de suas ramificadas dimensões. Antes, são precisamente os pontos de confluência entre essas dimensões, os atravessamentos, as fronteiras entre disciplinas e saberes, que constituem o objeto de estudo da LA. (Celani, 2000; Rajagopalan, 2000; Dos Santos Carvalho, 2019).

A LA empreende grande esforço em incorporar perspectivas teóricas que possibilitem apreender a linguagem em sua complexidade. Segundo Moita Lopes (2006), a LA indisciplinar opera por meio da imbricação dos saberes, como sociologia, antropologia, filosofia, estudos culturais, ciência, tecnologia, etc. (Paiva, 2021), assumindo que os problemas de linguagem não se dão exclusivamente no campo linguístico, mas são atravessados por disputas de poder, identidades e ideologias. Com base nesse contexto, adotar uma postura indisciplinar significa, também, reposicionar o papel do pesquisador e da pesquisa: o objetivo não é "solucionar" problemas com respostas acabadas, mas sim questionar suas múltiplas camadas e implicações, levando em conta o contexto, a historicidade e os modos de existência e de resistência dos sujeitos envolvidos. Assim, práticas de linguagem, como as que envolvem o uso de tecnologias de IA, devem ser investigadas não apenas em termos de eficácia ou eficiência, mas também enquanto espaços de produção de discursos, subjetividades e relações de poder.

Fabrício (2017), ao discutir a LA a partir das lógicas do pensamento, tece uma crítica à predominância da lógica da dupla diferença (D^2), baseada em binarismos, exclusões e dicotomias do tipo verdadeiro/falso, certo/errado,

que, por muito, foi base para a LA, em seus primórdios, e que ainda orienta práticas acadêmicas e escolares. A lógica D^2 é marcada por oposições clássicas e não admite a coexistência, o entre-lugar ou o terceiro excluído. Para Fabrício (2017), a D^2 é bem representada pelo questionamento do clássico personagem Hamlet: "*ser OU não ser?*". Tal lógica movimenta-se em direção a certezas, buscando estabelecer delimitações. Em contraposição, a autora nos apresenta a lógica da diferença (D), que admite contradições, ambiguidades e sentidos em movimento. Em vez de buscar fixar categorias e oposições estáveis, a lógica D opera segundo o princípio do entre-lugar e da contradição constitutiva; é aberta à multiplicidade dos sentidos, não sendo eles únicos nem acabados, e os sujeitos e discursos podendo *ser E não ser* ao mesmo tempo (Fabrício, 2017).

À lógica D^2, a autora associa o pensamento saussuriano da linguagem, aquele que concebe que o instrumental linguístico,

> […] primordialmente como mediador entre o sujeito pensante e o mundo, não teria outra função que não a de intermediação epistêmica e de representação ou descrição de objetos — isto é, pensamentos, ideias, estado de coisas e o chamado "real". O processo seria, sobretudo, mental, desvinculado de corpos e seus pertencimentos geográficos, comunitários, identitários e sociopolíticos (Fabrício, 2017, p. 610).

Por outro lado, Fabrício (2017) sugere pensar acerca da linguagem sob uma lógica que a conceba como um espaço de deslocamentos habitado por conflitos, deslizes e significados múltiplos, e que considere suas zonas de exclusão, transgressão e criação. Nesse sentido, pensar sobre linguagem significaria, em um primeiro movimento em direção à INdisciplinaridade, pensar sob a lógica D, que desconstrói certezas e desafia epistemes hegemônicas, recusando modelos fixos de análise. Ao posicionar seu horizonte mais em linha com uma lógica D, a LA contemporânea questiona essencialismos e assume a incompletude e a instabilidade como constituintes da linguagem, dos sujeitos e do conhecimento.

No contexto das investigações sobre Inteligência Artificial no campo da linguagem, adotar uma lupa indisciplinar diz respeito a um redirecionamento epistêmico fundamental que abre caminhos, também, para tensionar os discursos tecnocêntricos que mistificam a IA ou caracterizam-na como neu-

tra, objetiva ou inevitável. Pesquisar sobre IAs, a partir do conceito contemporâneo de LA, significa, portanto, compreendê-las como artefatos discursivos, sociais e políticos, cuja constituição, circulação e uso são imbricados por disputas ideológicas, valores culturais e narrativas de verdade. É a partir das duas definições de lógica, D^2 e D, propostas por Fabrício (2017), que analisamos, nesta pesquisa, as perspectivas teóricas de concepção de linguagem implicadas nas pesquisas sobre a Inteligência Artificial em LA, no cenário brasileiro, como parte do Sul Global, e levando em consideração o contexto inerente de colonialismo digital. Para isso, fizemos um panorama nacional de pesquisas sobre IA no campo da LA, como mostraremos a seguir.

3. Metodologia

Fundamentadas por Marconi e Lakatos (2001), adotamos o método qualitativo, pois nos interessou dimensionar o panorama de estudos a respeito da IA na área da Linguística Aplicada a partir de pesquisas anteriores sobre o assunto. Desse modo, realizamos um levantamento bibliográfico (Gil, 2002) na base de dados Google Acadêmico, buscando pelos termos "inteligência artificial" e "linguística aplicada". Para refinar o resultado de nossa busca, utilizamos aspas em *linguística aplicada*, para delimitar o campo de estudo em que os artigos se enquadravam.

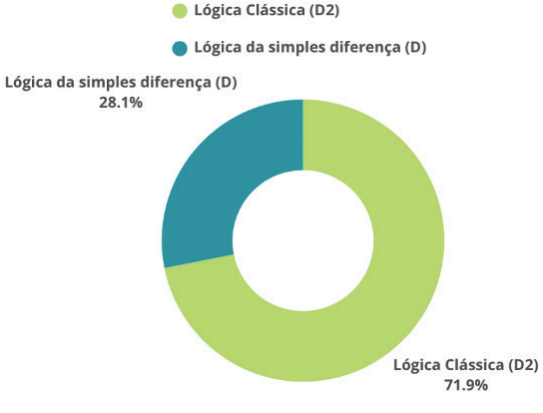
Estabelecemos ainda uma delimitação temporal no ano de 2024, uma vez que as produções acerca das IAs são muito dinâmicas. Selecionamos também o filtro de artigos em língua portuguesa, uma vez que nosso objetivo é compreender o campo nacional das pesquisas em IA. Ao fim dessa busca, obtivemos 417 resultados. No entanto, foi necessário realizar uma seleção desses resultados, considerando que a plataforma Google Acadêmico inclui materiais de diversas naturezas, muitas dessas não interessantes para nosso trabalho, como trechos replicados de citações, chamadas para publicações em periódicos, etc. Assim sendo, adotamos critérios de inclusão para os materiais que seguiriam para a análise, sendo eles artigos com acesso aberto, publicados em língua portuguesa, que investigassem as IAs sob o prisma da LA.

Realizamos uma leitura exploratória dos resumos dos trabalhos, o que nos permitiu identificar a adequação dos trabalhos aos nossos objetivos. Ao final, selecionamos um recorte de 32 resumos para serem analisados. Utilizamos como base analítica dos resumos a proposta das lógicas de pensamento apresentadas por Fabrício (2017), que convoca a LA a romper com estruturas disciplinares rígidas e a se mover em direção a uma INdisciplinaridade radical. Desse modo, adotamos duas das concepções de lógicas apresentadas pela autora, a saber: a lógica da dupla diferença (D^2) e a lógica da simples diferença (D). A seguir, apresentamos e discutimos os resultados de nossa investigação.

4. Resultados

Após a análise dos 32 resumos, obtivemos um total de 27 (n = 27) trabalhos enquadrados na lógica clássica (D^2), e 9 (n = 9) enquadrados na lógica da simples diferença (D), como ilustra a Figura 1. A análise dos resumos revelou que a maioria dos trabalhos (71,9%) sobre IA no campo da LA permanece firmemente ancorada na lógica da dupla diferença (D^2), binarismo e dicotomia. Identificamos essa lógica nos resumos por meio das concepções implicadas nos estudos analisados, como humano/máquina, natural/artificial, certo/errado, útil/inútil, que posicionaram a IA como um objeto técnico a ser dominado, avaliado ou julgado, em vez de um agenciador que tem (re)configurado práticas, políticas, subjetividades.

Figura 1 – Gráfico das lógicas identificadas nos resumos



Fonte: Autoras

Nos trabalhos posicionados na lógica D^2, identificamos uma tendência de abordagem das IAs de modo exploratório, enquanto ferramentas que podem ser *aplicadas* (termo utilizado em diversos resumos), sobretudo na educação. Nestes trabalhos, os objetivos se limitavam à análise dos *outputs* das ferramentas, ou seja, há uma predominância do enfoque aplicativo (como usar a IA) sobre o crítico (como a IA implica nos modos de ser e como os ressignifica). Noutras palavras, os estudos não objetivavam abordar questões críticas do paradigma máquina-sujeito, mas sim da aplicação dessas IAs. Abaixo, apresentamos um recorte dos objetivos propostos pelos artigos enquadrados na D^2:

Quadro 1 – Objetivos dos artigos em D^2

TRECHOS
Este artigo tem como objeto de estudo uma análise de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAGen) para a personalização do ensino de linguagens.
Este estudo analisa um *corpus* composto por seis tarefas produzidas pelo ChatGPT em cinco idiomas (alemão, espanhol, francês, italiano e português), considerando os níveis de proficiência propostos pelo Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR), que totalizou 2991 textos e 706,401 palavras.
Neste estudo, analisamos em que medida os recursos semióticos utilizados no ARG, especialmente nos desafios, provocam o envolvimento docente na resolução dos problemas em um curso online de formação continuada para professores de espanhol.
A partir disso, o objetivo deste artigo é compreender como a inteligência artificial pode ser usada no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, especificamente qual o papel do conceito de memória metálica nesse processo, destacando benefícios e limitações, e considerando o uso do ChatGPT.
O objetivo foi analisar a aplicabilidade da IA como recurso pedagógico, com ênfase na personalização da aprendizagem, no planejamento docente e no fomento à interdisciplinaridade.
O objetivo deste trabalho é analisar essa plataforma quanto à sua proposta de avaliação da escrita, na tentativa de compreender suas potencialidades e problemáticas para o desenvolvimento de um trabalho direcionado à pedagogia dos multiletramentos
Tendo isso em vista, este trabalho objetiva analisar algumas das produções de poemas feitas pela IA, de modo a apontar certas regularidades e ocorrências nos textos, além de traçar uma comparação com as produções realizadas, de fato, pelos alunos.

Fonte: Autoras, com base nos resumos selecionados

Pelo Quadro 1, observamos, em diversos estudos, um esforço contínuo para posicionar a IA como instrumento neutro (como um auxiliar-assistente) para o ensino de línguas, evidenciando sua utilidade, ou não, para melhorar a aprendizagem, corrigir erros ou fornecer sugestões de métodos de ensino.

Desse modo, notamos que o foco dos artigos recai sobre questões de usabilidade da IA como ferramenta, e não sobre os deslocamentos por ela provocados nos modos de pensar a linguagem, o ensino, a produção de conhecimento e as maneiras como os algoritmos reconfiguram práticas e subjetividades, convertendo a IA em um agente não humano que atua nas práticas sociais como fiador estatístico de probabilidades lógicas.

De modo geral, não observamos, nos textos ancorados na lógica D^2, uma abordagem dos sistemas algorítmicos mais marcada pelos efeitos sociais, raciais, de classe, de gênero, geopolíticos e mesmo cognitivos, que evidenciariam a lógica D (multiplicidade de linguagens). Em raros momentos, verificamos uma abordagem da IA que refletia sobre questões acerca de quem programa, com quais dados, sob quais valores e como essas questões têm efeitos no próprio *output* dessa tecnologia. A majoração das pesquisas em LA ancoradas na lógica D^2 contribui com o colonialismo digital, pois promove o discurso de alienação e mistificação das IAs, uma vez que os produtos entregues pela agência IA são tomados pelos usuários como constructos metafísicos, gerados "magicamente" por um agente sobre-humano. Ao dissociarmos o produto criado pela IA da complexidade do seu processamento, atuaremos sempre na lógica do binarismo (lógico-racional *versus* subjetivo-ideológico).

Em contraste com a predominância da lógica da dupla diferença (D^2), alguns estudos analisados dedicaram-se a investigar questões que transgrediam dicotomias/binarismos. Apenas 28,1% dos artigos sobre IA partindo da perspectiva da LA se aproximaram da lógica da diferença D, ao abordarem a IA não como ferramenta determinista, mas como uma agência, um agente em redes de sentido, com efeitos imprevisíveis, contraditórios e que reconfigura práticas sociais com base também na geopolítica, isto é, no âmbito global de disputa de mineração de dados. Identificamos nesses estudos uma recusa às explicações totalizantes, concebendo a IA, ao mesmo tempo, como recurso, ruído, efeito e acontecimento. Abaixo apresentamos exemplos dos objetivos dos artigos enquadrados na lógica D:

Quadro 2 – Objetivos dos artigos em D

TRECHOS
Diante disso, neste artigo, temos por objetivo **analisar as estratégias** multimodais utilizadas na construção de uma imagem racista gerada por IA, destacando as **complexas interações entre os diferentes modos de representação e os efeitos ideológicos** decorrentes dessa **interligação**.
Este artigo aborda **o impacto da inteligência artificial (IA), em particular da visão de máquina, na identificação de gênero**, destacando desafios e implicações para pessoas de **gêneros dissidentes**, entendidos, neste trabalho, como **indivíduos que divergem do regime binário de generificação de corpxs** enquanto homens ou mulheres.
O objetivo principal deste estudo foi tecer uma aproximação teórica entre os gêneros de discurso bakhtinianos e o conceito de transletramento, ressaltando o **impacto do uso de IAs generativas no desenvolvimento de competências comunicacionais**.
O presente artigo traz uma discussão em torno de perspectivas de letramentos e os desafios em tempos de Inteligência Artificial (IA). Para tanto, o texto situa a IA no rol **das tecnologias da linguagem recorrendo às contribuições do pensamento decolonial** pelo olhar de Veraszto (2004), Quijano (2005), Hernández-Zamora (2019) e **demarca as relações de poder exercidas pela tecnologia da escrita** além de trazer questionamentos acerca das possibilidades para o **agenciamento transformador** no ensino e aprendizagem.

Fonte: Autoras, com base nos resumos selecionados (grifos nossos)

Ao abordar questões como a argumentação na escrita mediada por inteligências não humanas, a atuação das IAs enquanto dispositivos que contribuem para o estabelecimento de ontologias raciais e políticas de morte de corpos racializados, o impacto do uso de IAs generativas no desenvolvimento de competências comunicacionais, dentre outras, os estudos evocam um pensamento fronteiriço, rizomático e não binário. Esse olhar holístico, que transpõe binarismos totalizantes, permite que as investigações sobre IA no campo da LA problematizem essa tecnologia enquanto instância que, indiscutivelmente, tem sido constitutiva das subjetividades, saberes e práticas contemporâneas, buscando assim verticalizar o conhecimento sobre tais tecnologias, desmistificando-as, descolonizando-as. Ademais, os estudos enquadrados nessa lógica apontam, dentre outras questões, para a necessidade de ressignificar conceitos que são atravessados por novos sentidos em disputa global.

Como tudo não se limita a binarismos, identificamos 3 artigos que, apesar de adotarem uma lógica clássica (avaliação do *output* das IAs), propuseram tecer, ainda que em nível incipiente, uma análise crítica de alguns elementos das IAs. Para exemplificar, um desses artigos explorou o potencial

da IA generativa, particularmente do ChatGPT, no auxílio a estudantes estrangeiros em sua adaptação cultural em um novo país. Apesar de atuar sob uma lógica através da qual a IA é avaliada em termos de sua eficiência enquanto ferramenta para a introdução de elementos culturais para estrangeiros, o estudo apresenta um potencial para transgressão, ao adotar uma visão da IA como um agente que pode moldar percepções de culturas. No entanto, o estudo não se compromete a investigar de que forma a IA e seus dados de *machine learnig* atuam como agência hegemônica, que evidencia culturas dominantes. Ou seja, neste estudo a IA é mantida como "complemento", sem questionar as estruturas de poder por trás das tecnologias nem problematizar como essas tecnologias representam as culturas em questão, ou ainda, se os dados aprendidos pela máquina incluem vozes dessas comunidades ou reproduzem estereótipos.

Outro achado de nossa pesquisa diz respeito ao fato de que grande parte dos trabalhos, independentemente da lógica sob a qual operam, se debruça sobre um determinado tipo de IA: a IA generativa de *textos escritos*. Como apresentado em seções anteriores, o desenvolvimento das IAs ocorre em diversas frentes: geração de textos (verbais, imagéticos, multimodais), reconhecimento facial e biometria, previsão estatística de resultados futuros, tomada de decisões ou interação. Essa tecnologia, portanto, tem reconfigurado performatividades nas mais diversas áreas, que valem a pena ser investigasdas pela LA. No entanto, nosso *corpus* revelou que as investigações se dedicam majoritariamente às tecnologias generativas de textos verbais. A seguir, sintetizamos o número e os objetivos dos artigos em articulação com as lógicas utilizadas no campo de LA brasileira:

Quadro 3 – Síntese dos objetivos dos artigos

TIPO DE LÓGICA	NÚMERO DE ARTIGOS ENQUADRADOS	DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS DOS ARTIGOS
Lógica classica (D^2)	23	Análises técnico-instrumentais dos *outputs* das IAs
Lógica da simples diferença (D)	9	Desnaturalizar a visão de máquina como objetiva e refletir sobre a necessidade de repensar conceitos basilares e relações diante das IAs

Esse levantamento revela que, enquanto muitos trabalhos da LA voltados à IA propõem uma inovação temática, grande parte das produções ainda atua sob formas disciplinares e epistemológicas próprias da lógica da dupla diferença. Essa constatação reforça a necessidade de movimentar a LA em direção à lógica da diferença e ao pensamento de fronteira (Fabrício, 2017), capazes de romper com os binarismos que aprisionam a linguagem, a tecnologia e os sujeitos em classificações estratificadas, como as de Norte/Sul Global.

A análise dos 32 resumos nos permitiu identificar uma predominância significativa de estudos ancorados na lógica da dupla diferença (D2), representando 71,9% do corpus. Essa tendência evidencia uma perspectiva majoritariamente instrumental e técnica de análise das IAs no campo da Linguística Aplicada, em que a IA é vista como ferramenta a ser usada, avaliada ou aperfeiçoada para fins educacionais, sobretudo no ensino de línguas. Nessas abordagens, prevalece uma postura dicotômica (humano/máquina, natural/artificial, útil/inútil), que reforça a IA como um artefato externo à linguagem e aos sujeitos, desconsiderando seus potenciais agenciadores e os deslocamentos que ela produz no campo epistemológico, político e social.

Por outro lado, embora minoritária, a presença de artigos enquadrados na lógica da simples diferença (D) (28,1%) revela movimentos importantes no sentido de transgressão dos binarismos fundantes e de problematização crítica da IA como tecnologia da linguagem. Esses estudos se destacam por propor olhares que concebem a IA como ator sociotécnico, implicado em redes de poder, performatividade e constituição de subjetividades. Neles, a IA é concebida como instância que produz efeitos ideológicos, culturais e discursivos, evidenciando a potência da LA em contribuir para uma compreensão mais complexa e desnaturalizada dessas tecnologias.

Ainda que alguns trabalhos dentro da lógica D^2 sinalizem tentativas de abertura crítica, tais iniciativas permanecem incipientes e não rompem, de forma consistente, com o paradigma da aplicação. Além disso, é importante ressaltar que o foco quase exclusivo nas IAs generativas de textos verbais limita o escopo das investigações no campo. As múltiplas manifestações da IA, em imagens, sons, interfaces multimodais, etc., são pouco exploradas, o que aponta para lacunas e oportunidades para futuras investigações.

Considerações finais

As Inteligências Artificiais (IAs) têm ressignificado, para além dos processos de escrita, os modos como criamos significados, nos relacionamos profissional e intimamente, usufruímos o tempo livre e realizamos nossas escolhas particulares, a partir do modelo neoliberal de colonialismo digital. O avanço acelerado das tecnologias de IA tem provocado transformações significativas em diversas esferas da vida social, afetando não apenas a forma como nos comunicamos, aprendemos e interagimos, mas também os modos como construímos sentidos, produzimos conhecimento e nos constituímos como sujeitos.

Diante desse cenário, torna-se cada vez mais urgente investigar o fenômeno da Inteligência Artificial, principalmente as implicações que tal tecnologia possui no campo da linguagem. É nesse contexto que a Linguística Aplicada (LA) se apresenta como campo epistêmico através do qual investigar as IAs, uma vez que, historicamente, a LA se dedica a analisar práticas sociais mediadas pela linguagem em sua complexidade, instabilidade e dimensão política. Nesse contexto, este estudo objetivou investigar um breve panorama acerca dos estudos realizados em LA sobre as IAs, buscando compreender o que o campo, no Brasil, tem investigado e sob qual perspectiva.

Em suma, os dados analisados indicam que, embora o tema da IA venha ganhando espaço na LA brasileira, sua abordagem ainda está fortemente atrelada a lógicas tradicionais que pouco problematizam os efeitos sociotécnicos das tecnologias. Tal constatação reitera a urgência de movimentar a LA em direção à lógica da diferença e ao pensamento de fronteira, como propõe Fabrício (2017), na empreitada de compreender a IA não apenas como ferramenta, mas também como acontecimento e como agência produtora de sentidos. Tal abordagem exige um reposicionamento epistemológico nos estudos sobre IA, especialmente no campo da Linguística Aplicada, para que se passe a considerar os sistemas algorítmicos como artefatos culturais e políticos, inscritos em histórias de exclusão, dominação e resistência. Logo, empreender pesquisas nacionais sob a lógica da contradição e da multiplicidade de linguagem é promover caminhos para desmistificar a promessa tecnocentrada de solução

universal de governança norte-americana (Silveira, 2024) e vislumbrar caminhos alternativos de resistência para a apropriação da tecnologia com base em uma episteme crítica radical.

Entendemos que tratar do fenômeno das IAs através de uma perspectiva da LA, considerando a episteme desse campo, não deve se limitar à exploração da aplicabilidade ou à avaliação do funcionamento de tais tecnologias, mas antes buscar entender como os sujeitos do discurso se apropriam de tais tecnologias, como essas agências desencadeiam novas performatividades, como a relação entre sujeitos e máquinas é reconfigurada socialmente. É, em resumo, tratar de como sujeitos interpelados por conflitos, contradições, paradoxos e incertezas apropriam-se e ressignificam os objetivos primeiros dessas tecnologias, bem como as novas configurações no campo da linguagem delas decorrentes. Desse modo, pesquisar sobre IAs sob o prisma de uma teoria que se propõe a ir à margem significa romper com a lógica clássica e ir além da verificação da eficácia instrumental.

Como podemos observar neste trabalho, os estudos selecionados, mesmo se colocando a partir de uma perspectiva de uma LA brasileira, não demonstram estar implicados na lógica D (contradição e multiplicidade), ou seja, não demonstram estar implicados na desconstrução de certezas característica de epistemes hegemônicas do Norte Global, que apresentam modelos neutros e binários como concepção de linguagem. Ao posicionar seu horizonte mais em linha com uma lógica D, a LA contemporânea no Brasil questiona essencialismos e assume a incompletude e a instabilidade como constituintes da linguagem, dos sujeitos e do conhecimento.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOA SORTE, P. Ramificações do colonialismo digital: inteligência artificial como a ponta do iceberg. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 11, n. 27, p. 11-21, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.32748/revec.v11i27.22732. Acesso em: 25 ago. 2025.

BUZATO, M. E. K.; LEITE, A. L. M. Escrita generativa algorítmica e universidade pós-humanista: a redação do ENEM na grande assemblagem cognitiva. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 10092-10111, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1984-8412.2024.e98014. Acesso em: 29 jun. 2025.

BUZATO, M. E. K.; GONSALES, P. Dimensões e enfoques alternativos para um modelo de letramentos críticos de inteligência artificial. Revista Brasileira De Linguística Aplicada, v. 25, n. 2, e44436, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6398202544436. Acesso em: 25 ago. 2025.

CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública*: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, P. *A manipulação da verdade*: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Tradução Dóris de Arruda C. da Cunha. São Paulo: Contexto, 2022.

OPENAI. *Unlocking Economic Opportunity*: A First Look at ChatGPT-Powered Productivity. jul. 2025. Disponível em: https://cdn.openai.com/global-affairs/be0fe9e0-eb97-43d-1-9614-99f2bd948bcc/OpenAI_Productivity-Note_Jul-2025.pdf. Acesso em: 25 ago. 2025.

CHOMSKY, N. *Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CELANI, M. A. A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. *In*: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (org.). *Aspectos da Linguística Aplicada*: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000. p. 17-32.

CELANI, M. A. A. Um desafio na Linguística Aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 32, n. 2, p. 543-555, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-445081919576720433. Acesso em: 30 jun. 2025.

COLLINS English Dictionary names 'AI' word of the year. *Deutsche Welle*, 11 jan. 2023. Disponível em: https://www.dw.com/en/collins-english-dictionary-names-ai-word-of-the-year/a-67272513. Acesso em: 17 jun. 2025.

DOS SANTOS CARVALHO, E. M. Linguística Aplicada, saber glocal e interdisciplinaridade. *Fólio — Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p. 429-445, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22481/folio.v11i1.5124. Acesso em: 30 jun. 2025.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, out. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6398201711426. Acesso em: 29 jun. 2025.

FETZER, J. H. What is Artificial Intelligence? *In*: FETZER, J. H. Artificial Intelligence: Its Scope and Limits. Studies in Cognitive Systems, v. 4. Dordrecht: Springer, 1990. p. 3-27. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-009-1900-6_1. Acesso em: 25 ago. 2025.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. Barueri: Atlas, 2002.

GONSALES, P. ; KAUFMAN, D. IA na educação: da programação à alfabetização em dados. *ETD — Educação Temática Digital*, Campinas, v. 25, p. 1-22, 2023. Disponível em: http://doi.org/10.20396/etd.v25i00.8666522. Acesso em: 27 jun. 2025.

GUNNING, D. *et al.* XAI — Explainable Artificial Intelligence. *Science Robotics*, v. 4, n. 37, p. 1-3, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1126/scirobotics.aay7120. Acesso em: 25 ago. 2025.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, D. KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HISSA, D. L. A.; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: o fim de performatividade discursiva? *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 18, p. 1-24, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.14393/DLv18a2024-53. Acesso em: 26 ago. 2025.

JIANG, Y. *et al*. Quo vadis artificial intelligence?. *Discover Artificial Intelligence*, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2022. Disponível em: http://doi.org/10.1007/s44163-022-00022-8. Acesso em: 30 jun. 2025.

KLEIMAN, A.; VIANNA, C. A. D.; DE GRANDE, P. B. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. *Calidoscópio*, v. 17, n. 4, p. 724-742, 2019. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.04. Acesso em: 30 jun. 2025.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia científica*. 6. ed. Barueri: Atlas, 2001.

MCBAIN, R. K. Adolescentes estão usando IA como terapeutas e isso é alarmante. *Folha de S. Paulo*, 26 ago. 2025. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/08/adolescentes-estao-usando-ia-como-terapeutas-e-isso-e-alarmante.shtml. Acesso em: 7 mar. 2026.

MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PAIVA, V. L. M. O. Letramento digital: problematizando o conceito. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, p. 1161-1179, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1905. Acesso em: 30 jun. 2025.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica. *Línguas & Letras*, v. 8, n. 14, p. 13-20, 2000. Disponível em: https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/900. Acesso em: 26 jun. 2025.

SELWYN, N. The future of AI and education: some cautionary notes. *European Journal of Education*, v. 57, p. 620-631, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1111/ejed.12532. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVEIRA, S. A. A ideologia da transformação digital: automatismos, solucionismos e alienação técnica. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 11-25, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.46230/2674-8266-15-12380. Acesso em: 29 jun. 2025.

STREET, B. (org). *Cross-Cultural Approaches to Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TAWIL, M. Como o ChatGPT virou o maior terapeuta do mundo (e por que isso deveria nos preocupar). *Exame*, 26 mai. 2025. Disponível em: https://exame.com/marketing/como-o-chatgpt-virou-o-maior-terapeuta-do-mundo-e-por-que-isso-deveria-nos-preocupar. Acesso em: 25 ago. 2025.

UNESCO. *Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura: Paris, 2024. Disponível em: https://curated-library.iiep.unesco.org/pt-br/library-record/guia-para-ia-generativa-na-educacao-e-na-pesquisa. Acesso em: 10 mar. 2026.